

## **A construção da acessibilidade no FSM 2011\***

(Matéria publicada na Revista brasileira FÓRUM – Março 2011)

A acessibilidade sempre se constituiu como desafio para o processo do Fórum Social Mundial (FSM). No Brasil, já temos exemplos exitosos: no 1º Fórum Social Baiano em 2004, e no 2º Fórum Social Nordeste em 2007, ambos em Salvador, rampas, intérpretes em Língua Brasileira de Sinais (Libras), programações em Braille, sinalização e informação viabilizaram uma maior presença e participação de pessoas com mobilidade reduzida nesses eventos. Mas as edições mundiais dos Fóruns sociais sempre deixaram a desejar: mesmo tendo em cada uma das 5 edições brasileiras, em Porto Alegre e em Belém, pelo menos um evento sobre os direitos das pessoas com deficiência, as questões desse segmento, que representa 10% da população mundial, sempre foram tratadas de forma isolada, segregada...

Talvez por isso tenha sido, desta vez em Dacar, o evento mais inclusivo de todas as edições do Fórum Social Mundial. Não foi exatamente por causa da implementação de acessibilidade física no espaço do FSM. Situada numa imensa área plana, com prédios parcialmente acessíveis (dotados de rampas e passeios amplos de circulação), a Universidade Cheik Anta Diop, sede do evento, não sofreu nenhuma intervenção adicional nesse sentido. As pessoas com deficiência circulavam e encontravam-se em determinados pontos, mas com bastante dificuldades.

Uma cena é significativa: uma senhora de idade avançada, negra, sem pernas, avançava sozinha na rua na sua cadeira de rodas. A sua presença era inesperada: ao contrário da maior parte das outras pessoas com deficiência presentes no FSM, não estava acompanhada, nem em grupo, não chegava de táxi, e era visivelmente pobre, sem muita força física e com bastante esforços para puxar suas rodas... Mas parecia decidida, no meio da multidão, em direção à UCAD II, uma área de concentração de atividades. Alcançou uma trombadinha alta e larga, que subiu dificilmente. Na descida, muito inclinada, a cadeira pegou uma leve velocidade e as rodinhas da frente, ao tocar o asfalto da rua, travaram... A senhora foi projetada para frente e caiu de cara no chão! Entre tristeza, dor e raiva...

De forma geral, o espaço da universidade permaneceu inacessível. A falta de sinalização e a troca dos espaços previstos nas salas dos edifícios por tendas precárias instaladas em terrenos acidentados, prejudicaram a participação de pessoas com mobilidade reduzida, dentre as quais as pessoas com deficiência e as pessoas idosas, limitando seu acesso a poucas áreas.

Mesmo assim, a edição do FSM em Dacar foi inclusiva porque as pessoas com deficiência se fizeram presentes em diversos espaços e atividades. Quebraram a invisibilidade, envolvendo-se não só no evento como também no processo de construção do FSM. No final de novembro, organizações senegalesas de e para pessoas com deficiência formaram um comitê, o Handi-FSM (de *handicap*: deficiência em francês), que coordenou as ações dos seus membros. Essas pessoas assim passaram a integrar as diversas comissões do comitê organizador, a debater e orientar para melhorar a acessibilidade do evento. Enquanto isso, uma articulação internacional de organizações de pessoas com deficiência estruturou-se de forma virtual, buscando formas de participação...

Esse envolvimento do movimento das pessoas com deficiência foi particularmente expressivo durante a marcha de abertura, no dia 6 de fevereiro, quando tomou uma dimensão popular. O comitê Handi-FSM ocupou as primeiras alas da marcha e soube dar muita visibilidade para suas reivindicações, por meio de faixas, palavras de ordem, etc. Havia muitas pessoas, de cadeira de rodas, com muletas, pessoas surdas, cegas, com deficiência intelectual, com seqüelas de hanseníase, pessoas com albinismo...

Nos dias seguintes, mesmo em proporção inferior, as pessoas com deficiência permaneceram presentes e ativas. Duas áreas concentravam esse segmento: de um lado o estande Handi-FSM, bem situado na entrada de UCAD II, e do outro duas tendas onde ocorreram oficinas e seminários autogestionados sobre temas ligados à inclusão e deficiência. É nesse contexto que foi realizado, no dia 09/02, um seminário sobre acessibilidade e desenvolvimento inclusivo, com a presença, entre outros, de organizações do Senegal, do Oeste africano, do Brasil, da França e dos Estados Unidos. As conclusões do encontro foram levadas nos dias seguintes para as assembléias de convergência, dentre os quais a Assembléia Mundial dos Habitantes, sobre o direito a comunicação e sobre cultura.

Nem os movimentos sociais presentes nem os comitês internacional e organizador foram "surdos" ou "cegos" diante dessa luta. A questão da acessibilidade foi debatida com uma verdadeira preocupação e permitiu, por exemplo, que voluntários sejam treinados e que um intérprete em Língua de sinais seja colocado ao lado dos diversos oradores, no palco da assembléia global de "convergência das convergências" e de encerramento do evento. De forma geral, as pessoas com deficiência souberam integrar e ocupar as articulações em torno das diversas problemáticas sociais, contribuindo para que sua luta seja incorporada a outras lutas. Honraram o seu lema, hoje reivindicado em todo mundo: "Nada sobre nós sem nós!"

---

\* Damien Hazard, Coordenador da Associação Vida Brasil, Co-diretor executivo da ABONG – Associação brasileira de ONGs, Membro do Comitê internacional do FSM